

# A longevidade dos códigos<sup>1</sup>

Entrevista – Jerusa Pires Ferreira

por **Carlos Adriano**



**A pesquisadora Jerusa Pires Ferreira discute em livro a transmissão da memória na época atual**

*O momento em que vivemos permite que toda a memória do mundo esteja ao alcance da ponta dos dedos. Não percorremos mais as prateleiras das bibliotecas, como o movimento de um "travelling" de cinema, mas navegamos num espaço virtual, em abismo de links por sítios espalhados pelo planeta.*

*Quais os riscos de um naufrágio, com esses novos processos de fixação e difusão da memória? Quais os desafios de construção e preservação da memória hoje? O registro da memória muda de acordo com seu suporte de transmissão e fixação -oral, digital? O que foi feito da memória popular, se ainda existe?*

*Essas e outras questões são abordadas aqui por Jerusa Pires Ferreira, que está lançando "Armadilhas da memória". O livro é composto de sete ensaios e lê a memória não como mero fato ou matéria cultural, mas como cultura, e transita entre as bordas "da linguagem à etnologia". Jerusa reflete sobre "a longevidade dos textos na memória coletiva" e "a*

---

<sup>1</sup> Entrevista publicada pela Revista *Trópico*, 15 set. 2004. Disponível em: [<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2423,1.shl>].

*longevidade dos códigos na memória seletiva” das comunidades.*

*A autora, uma das mais importantes ensaístas do país, fez seu pós-doutorado na Alemanha (sobre o tema do Fausto) e a livre-docência na USP, onde é professora associada da ECA. Coordena o Centro de Estudos e o Núcleo das Poéticas da Oralidade na PUC-SP, onde leciona na Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica.*

*Assídua e ativa participante em colóquios na Europa (notadamente em Limoges e Urbino), Jerusa ensina e pesquisa há dez anos na Universidade de Limoges, onde há um centro de estudo sobre livros populares. Com Charles Grivel, fundou em 1996 a Federação de Pesquisadores em Literaturas Populares e Transmidiáticas.*

*Entre os vários trabalhos publicados por Jerusa, que versam sobre tradição oral e cultura popular em relações com outras esferas, citam-se “Cavalaria em cordel” (1979), “O livro de São Cipriano” (1993) e “Fausto no horizonte” (1996), além de inúmeros artigos e ensaios em antologias e diversos periódicos do Brasil e do exterior.*

*Em seu novo livro, a autora demonstra ainda a contribuição específica da semiótica -através de Iúri Lotman (“somente aquilo que foi traduzido num sistema de signos pode vir a ser patrimônio da memória”)- para o processo de estudo e fixação da memória: “presença para si mesmo” e “presença no mundo” conformando a memória.*

*Na entrevista, Jerusa fala ainda da revelação de Óssip Mandelstam (“é na descoberta do outro que este poeta/pensador constrói sua teoria do texto e da linguagem”), a guerra no Iraque (“quantas memórias ameaçadas, vozes não ouvidas, corpos exterminados”) e a ativação da vanguarda sobre a memória (“lutas por processar novos códigos, violentando alguns significantes mais digeridos e desgastados”).*

*Será com fascínio e encanto que o leitor vai acompanhar os pensamentos da autora, tanto em seu novo livro como nesta entrevista, descobrindo os meandros ocultos da memória, onde medram a história e a imaginação. Viagem de idéias guiadas por um cronotopo de Bakhtin - espaço e tempo superpostos- aclimatado às nossas infovias.*

*Conjugando paixão e método, curiosidade amorosa e respeito elegíaco por seus “objetos”, Jerusa Pires Ferreira é um doce paradigma da missão intelectual, em suas premissas virtuosas mais básicas e raras: generosidade e erudição.*

## **1- Vivemos num mundo paradoxal, de “fácil” acesso aos arquivos da memória e um culto superficial de valores. A desmemória é o futuro de um mundo cheio de informações?**

Não creio, apesar de constatar a superficialidade, os efeitos de conhecimentos rasos, imediatos e muitas vezes perversos, em razão de modismos acelerados e do sensacionalismo da sociedade do espetáculo. Mas creio nas capacidades de reorganização, no aprendizado de novas posturas e de meios que se refuncionalizam, diante de nossas necessidades. Enquanto viver o último homem, acredito, surgirá um espaço de revitalização baseado num conhecimento propiciado pela memória, que nunca será totalizante nesta ou em outras situações.

Fui muito tocada, em certo momento, por um livro, *Os Arquivos Imperfeitos* de Fausto Colombo (Editora Perspectiva) onde justamente discute o excesso de informação, a nossa necessidade de arquivamento, as possibilidades e incompletudes e discute de modo bem inteligente as nossas possibilidades e os nossos possíveis poderes.

## **2- Como funciona a memória (popular) na era do espetáculo (televisão, *big brothers*, dvd, cd-rom, internet)?**

A palavra popular é, em si própria, uma armadilha. É um conceito que serve para definir o que provém de sociedades pré-modernas, para o conhecimento e a cultura do que se pode chamar de *folk* (coisa que não faço) ou para as várias gradações da sociedade de massa e de consumo, o que se chama *popular culture*. Como dizia o crítico Mário Pedrosa, num belo artigo publicado há anos na Revista Kairós, só falaremos de popular se o opusermos a não-popular. E o que isto significa se deixarmos de lado a cristalizada oposição popular/erudito?

Ou a oposição baseada apenas nos critérios de classe social? Será que existe uma memória popular? Ou estamos pensando em grupos sociais que têm repertórios e universos imaginários mais coesos e pertencentes a

maior número de pessoas que o partilham num todo, como uma espécie de grande texto comum, as comunidades mais coesas. É a isso que se chama tradição. E a tradição é o universo que tem a memória como o suporte para a transmissão de seus repertórios, mantém a necessária ativação da memória que implica num funcionamento mais partilhado do conjunto.

Mas também temos, em outros grupos ativados em plena modernidade, a persistência de nossas tradições e de nossas práticas memoriais. Quanto à era do espetáculo, hoje, dificilmente contemplaríamos um grupo social que não estivesse conectado com o grande espetáculo veiculado pelas mídias sonoras e visuais e não estivesse sujeito, de uma parte, ao conjunto aturdidor e veloz de informações que renova e alimenta, de outro, à descaracterização de princípios de sua cultura; Há, no entanto, o surgimento de mecanismos de atualização, de seleção, da produção de novos significados, que não é para se desprezar.

### **3- Onde estaria ainda a memória popular nos dias de hoje? Em que reduto (e como) ela antropofagizaria as novas tecnologias? A memória popular não acabou?**

No item anterior falo de re-elaboração.

O semiótico russo Iúri Lotman (de que me ocupo num capítulo do livro *Armadilhas da Memória*) nos traz uma curiosa formulação. Ele diz que cultura é a luta pela memória e pela longevidade das informações. E opõe cultura a não-cultura, que para ele é quando as coisas deixam de fazer sentido, é a entropia em excesso, onde os fragmentos não se articulam e perdem sentido na memória de certa comunidade. Aí podemos dizer que as coisas acabam, que a memória e a cultura estão em risco. Quando se cala o último falante de certa língua, ou as pessoas são submetidas ao choque do execrável, realizado em nome de regimes políticos, de traumas irrecuperáveis, de incapacidade de aproximar princípios identitários.

#### **4- Que memória (popular) teremos no futuro? A memória dos símbolos da comunicação de massa, dos seus heróis e clichês?**

A memória do futuro pode parecer um paradoxo mas é memória em projeção.

Os símbolos, marcas, reconhecimentos vêm do tempo das cavernas, têm sua especificidade prática, mágica e ritual. Assim, diante desta exposição que difere em escala e proporção, pode-se tender em certa medida à estereotipia, à devoração do já mastigado, ao empobrecimento das diversidades mas surgirão energias transformadoras ou a última flor a nascer dos escombros

#### **5- Quais os desafios para a construção e a permanência da memória no Brasil hoje?**

Quando falamos em memória, queremos dizer muita coisa. Ato memorial, em seus processos, implicando o lembrar em muitas gradações e o esquecer, que também pode ser regulação ou ato restaurador. Estamos pensando ainda, ao falar de memória, na diversidade cognitiva e afetiva que **memória** implica, enquanto conceito, procedimento. E mais, estamos em geral e com muita insistência, quase tratando de uma espécie de mania, ao considerar as **Políticas da Memória**. E aí nos vêm as diversas atitudes de preservação por parte de órgãos oficiais. Fundações ou trabalhos que pretendem resgatar a memória de certos grupos, pessoas, lugares (termo que aliás não utilizo, prefiro revificação), significando fazer reviver, porque nada existe como era. Encontramos tanto a atitude de captar, criando verdadeiros “parques temáticos da memória”, como aquela de respeitar para, em mão dupla, e a depender da intensidade, perceber o próprio fluxo do que se lembra ou esquece, do que importa ou deixa de importar.

**6- Em seu livro, a senhora aborda exemplos da literatura e da pintura. Mas e o cinema? Pela exposição condensada de tempos disjuntivos em sincronia e pela condição ilusória de “presente contínuo”, o que o cinema teria a oferecer para o estudo sobre a história da memória?**

Venho, há anos, me ocupando da memória como tema. Para isto, há um imenso esforço já feito e a fazer. Parti de tópicos centrais como mnemê e anamnese, conforme a divisão Aristotélica, retomada pelo sábio Paul Ricoeur no seu tratado sobre a Memória e o Esquecimento. Mas ainda tocada pelas inúmeras questões trazidas por espaços e situações da memória, considerando artes, linguagens, suportes, nos livros de Francês Yates (O teatro da Memória) ou Mary Carruthers (o livro da memória), e assim, vou avançando em duas direções: a elaboração de uma teorização lenta, por um lado, e a trazida de achados, que considero importantes, ao encontro de textos da cultura. Sejam eles de literatura, pintura, fotografia, e por que não cinema? No momento, tratei dos primeiros teria de me preparar melhor para enfrentar o desafio desta arte (kinos) que, em movimento, aciona e interfere fortemente sobre as noções de passado e presente. Como você diz, pela exposição condensada de tempos disjuntivos em sincronia e pela condição ilusória de presente contínuo importa muito, não apenas para uma história da memória mas para o entendimento dos mecanismos que fazem de sua matéria prima: o tempo, o espaço, os ritmos confrontados. No caso da fotografia, que aparece estática, presente, sabemos que ela nunca o é.

**7- Em sua leitura de Óssip Mandelstam, como se articulam os gêneros do livro de memórias (“Rumor do tempo”) e do livro de viagens (“Viagem à Armênia”)?**

Estes textos de Óssip Mandelstam foram para mim além da descoberta, o encantamento pleno. Como digo em meu livro, e agora prossigo num trabalho que deve apresentar uma tradução da poesia de Mandelstam, nesta prosa magnífica que li em outras línguas e não em russo (uma pena) os dois textos publicados com uma distancia entre si de oito anos,

1925/1933, nos revelam semelhanças, naturalmente, e diferenças fortes. No primeiro, o questionamento doloroso das identidades, e no caso particular a do poeta, dividido entre o mundo judaico e o russo. Aí a presença de São Petersburgo, da cidade que sustenta a força criativa de tantos imaginários! O interessante é acompanhar o seu registo mas o descarte da memória pessoal, na medida em que ela é considerada dolorosa e nefasta. Interessa-lhe a memória do tempo e de seu século de tantas transformações. Ali o confronto de todas as tensões.

No livro seguinte, *Viagem à Armênia*, é a viagem que conta, a descoberta do outro, o prazer das alteridades em confronto. É na descoberta do outro que o poeta/pensador constrói sua teoria do texto e da linguagem, trazendo elementos da história natural e um forte comprometimento com a paisagem.

### **8- Por que Mandelstam, em sua elaboração da memória, dá “ênfase no desconforto”, no hiato?**

Quanto ao hiato, ao desconforto, sabemos que este foi um dos poetas de vida mais absurdamente trágica de que temos notícia. Seu mundo de descobertas, suas reflexões sobre o tempo (a presença de Henri Bergson em Paris), as adesões à revolução, de um lado, a expulsão e a perseguição dos quadros stalinistas de outro. Nascido em Varsóvia nos fins do século XIX, desaparece em 1938, num campo de trabalho depois de experimentar todas as torturas psíquicas e físicas. Sua correspondência e as memórias de sua mulher Nadiédjda estão aí para nos situar diante deste imenso desconforto.

Falar da poesia de Mandelstam é falar da memória, em todas as suas possibilidades. O poeta dizia oralmente seus poemas que eram escritos, guardados e memorizados por amigos. Está na memória de sua mulher que decorava seus textos todo um conjunto que nos fala, ora da harmonia, ora do horror.

**9- A partir do caso Mandelstam, e de sua “memória de confrontos”, o que a senhora poderia trazer para um contexto mais atual e nacional sobre a difícil compatibilização entre vida e história na construção da memória?**

Os meios de comunicação processam a cada instante fatos terríveis, em nossas telas/casas, causando dificuldades muito grandes. Às vezes nos detemos a pensar como avançamos pouco e como o mal, sua utilização para fins de dominação, e a mentira subsistem. O caso atual do Iraque, particularmente, me horroriza, e a cada dia me horroriza mais. Quantos escritores, artistas, poetas não viverão o desespero que se une ao das pessoas do seu povo, já tão dividido e conturbado! Quantas memórias ameaçadas, vozes não ouvidas, corpos exterminados!

**10- Quais as diferenças dos processos de relação entre tempo e espaço na conceituação da memória em Mandelstam e em Proust?**

Quanto a tempo e espaço em O, M. e em Proust, podemos dizer que os dois, de certo modo, viveram a mesma atmosfera do século, experimentaram idéias comuns, e até se situaram diante da reminiscência com a mesma intensidade. Um trabalho comparativo requereria o exercício de um todo um livro.

**11- Por que há um caráter moderno do conceito de “descarte do passado”, do “descarte como processamento”?**

Falo no descarte como processamento, partindo do próprio conceito de escolha, seleção, na dialética relação memória/esquecimento. Diante da profusão de informações, de excitações visuais e do córtex cerebral, da rapidez de um tempo em que os paradoxos atuam, no que se refere às facilidades das info-ways e às dificuldades das escolhas de trilhas, não existe nada mais oportuno que o descarte. É como no caso dos computadores, esvaziar a memória, é como no caso da memória esquecer, significa poder lembrar com mais propriedade.



**12- Segundo a senhora, Lotman e Uspênski “ênfatizam de que modo o esquecimento é um mecanismo explorado por uma instituição hegemônica, tendo em vista excluir da tradição os elementos indesejáveis da memória coletiva”. A dialética da construção da memória e da construção do esquecimento é apenas uma mediação ideológica? Por que?**

Lotman e Uspênski situam a dialética da memória pessoal/coletiva, à luz de uma contra-parte hegemônica. E nos dizem coisas muito sugestivas, referentes a situações vivenciadas e sujeitas a controles ideológicos. Mas não é só isso. Falam dos elementos indesejáveis que as comunidades expulsam em função disso ou que guardam em razão de uma profunda sintonia, cultural ou afetiva. Falam também da intensificação dos signos que concentram a memória em determinados momentos de crise ou de transformação. No caso da memória relacionada ou a uma ideologia ou a injunções pessoais, Paul Zumthor nos fala de uma memória que se apresenta às vezes limpa de seus parasitas, como que selecionada e higienizada para descartar o que incomoda, aproximando-se assim dos procedimentos dos dois pensadores.

**13- Seja no sertão brasileiro ou no rincão albanês, a senhora comenta no livro o papel dos espaços míticos como depositários da memória ancestral. E a cidade? Seria apenas o lugar do esquecimento?**

Aproximei naturalmente os sertões do Brasil, com suas” leis “(aliás isto tem sido feito), e as lonjuras da Albânia. Mas ao me ocupar de Mito e História em textos de Ismail Kadaré mostro como esta aproximação se faz no campo e nas cidades. O protagonista das *Frias Flores de Abril*, em sua pele de soldado, responde por uma alusão à fabula de Eros e Psiquê que aproxima passado e presente, mito e história, campo e cidade. Aliás, a cidade pode ser o lugar deste redemoinho de esquecimentos e da ativação de lembranças e da memória. Não existe uma cisão que o impossibilite. Existem processos às vezes diferentes. Considerar também que a cidade

traz o campo em seu bojo e que por outro lado, no mundo de agora, a cidade penetra pela televisão, pelo rádio, pela própria internet nos mais recônditos lugares, e que os nomadismos, os contínuos deslocamentos fazem a sua parte, itinerários abertos.

Não existe experiência mais forte no mundo, principalmente a partir do século XX, do que o exílio, e isto significa circulação, contato, negociação.

**14- Quando a senhora escreve que Paul Zumthor não descarta “a mobilidade dos sentidos e a noção de luta na violentação dos códigos”, haveria aí alguma via para pensar ou entender as relações entre as vanguardas e as tradições da memória?**

As vanguardas e as “retaguardas” são por assim dizer séries fortemente semantizadas da cultura. Não é por acaso que as vanguardas européias e as vanguardas históricas se relacionaram com a descobertas de outros povos, de outros signos, de outras formas estranhas do dizer e do expressar. Geometrias não-euclidianas foram contempladas, linguagens próximas de outros povos tentadas. Lutas por processar novos códigos, violentando alguns significantes mais digeridos e desgastados. Mas como nos diz Mukarjovski, semiótico tcheco, as culturas tradicionais realizam mudanças mais gradualmente, se violentarem códigos expressivos e comunicacionais perderão a sua coesão comunitária. As vanguardas apelam para este permanente trabalho de devoração, de re-instalação, de violentação dos sentidos mais habituais.

**15- Na “história intelectual e criativa da humanidade, há uma luta pela memória”. Qual é essa luta hoje? Se “cultura é memória”, como quer Lotman (“a cultura, em essência, se dirige contra o esquecimento”), quando memória é resistência?**

Já foi respondido no primeiro item.

**Carlos Adriano** é cineasta e mestre em cinema pela USP. Realizou “Remanescências” (aquisição/coleção The New York Public Library), “A Voz e O Vazio: A Vez de Vassourinha” (melhor curta documentário Chicago Film Festival), “O Papa da Pulpi” e “Militância”. O Festival de Locarno exibiu em agosto de 2003 a mostra completa de seus filmes.